# CONHECIMENTOS UTEIS.

## A PROPRIEDADE LITTERARIA.

### SEGUNDA PARTE.

809 Moralisar o facto da contrafacção, é estudal-o, em relação aos interesses particulares e aos interesses geraes.

O direito da propriedade litteraria nestas nossas considerações, não foi appresentado se não como base para assentar, a exposição dos factos, que tractaremos de patentear ao publico. Para tempo mais opportuno, fica reservado, o que pensamos em sua defensa, e ácerca da maneira como a sociedade o deve regular.

Hoje o nosso empenho, é provar praticamente os graves damnos, que podem resultar, para Portugal, da indifferença com que está sendo considerada a contrafacção.

Neste ponto, assim como em muitos outros, é mister ser franco. — O paiz gosta de viver, sustentado por illusões; pela nossa parte, não lhe sabemos dar tal alimento.

Em Portugal ainda se lê muito pouco: — esta é que é a verdade.

A missão do escriptor publico deixa de ser avaliada, e é quasi desconhecida.

Apontam-se quaes são os livros que salvaram as despezas da impressão; e é raro o jornal, que não appresenta saldo contra o proprietario.

Em nenhum paiz da Europa, o escriptor passa vida tão amargurada como em Portugal.

Consideramos os jornaes e livros, que entre nós se publicam, como outros tantos milagres da civilisação.

Se houver quem compare as circumstancias da nossa patria, em relação ás nações que mais gloria estão adquirindo na carreira litteraria, vêr-se-ha que vão sendo de muito vulto os progressos feitos pela nossa litteratura.

E se por tal arte nos estamos engrandecendo, sem nenhuma casta de auxilio, nem de premio, muito mais seria acontecendo o contrario.

Uma boa lei de propriedade litteraria, e os tractados que a completassem, suppririam em tal caso avultadas sommas, que ordinariamente se empregam para obter identicos resultados.

Essas vastas regiões, por onde os nossos maiores ensinaram a lingua portugueza, seriam para nós mais preciosas, que as riquissimas minas que possuiram, se não desprezassemos tamanho recurso

A producção litteraria portugueza tem um mercado extenso, que a consuma; mas é mister que esse mercado se organise e se aproveite.

O primeiro inimigo a combater, é a contrafacção que se está fazendo no Brazil. Este assumpto é de maior momento, e não admitte delongas.

As coisas caminham de modo que devem ser maduramente consideradas.

A imprensa em Portugal, assim como nas outras nações divide-se em duas partes:

Imprensa Politica,

Imprensa Litteraria.

A primeira, por em quanto, ainda não é, como em toda a parte, uma especulação commercial, no sentido mais lato, que esta phrase póde ter; isto é a politica, em logar de servir de meio para ter um jornal, é o seu unico fim. Tudo se sacrifica á polemica e á discussão dos principios.

Quando retratamos o verdadeiro estado da nossa imprensa politica, anda longe da nossa intenção o censurar, nem mui remotamente, os nossos collegas dessa imprensa, a quem sem excepção, devemos distinctos favores; elles não podem fazer mais do que fazem, porque os obstaculos, que os não deixam chegar ao estado, em que se acham os jornaes francezes, inglezes e até hispanhoes, são invenciveis.

Cria se em Portugal um jornal politico para defender um principio ou um partido; para engrandecer ou deprimir outro, mas não se conta nunca com o gosto da nação, porque esta quasi que não conhece o que val, o que significa um jornal: e diz se que um homem se vende, porque recebe a paga do que escreve, sem contrariar a sua consciencia.

Esta accusação é o improperio mais geral, com que se premeiam os improbos trabalhos dos redactores de um jornal politico. Quando arredamos delles tão grave injustiça, somos bem imparciaes, porque indo para dez annos que escrevemos, desde então até hoje, nem uma linha de politica saíu da nossa penna para qualquer de tantos jornaes que tem havido.

O que deixámos escripto ácerca da situação actual da nossa imprensa politica, prova de sobra que nenhum auxilio póde prestar á imprensa litteraria, porque o seu resultado é sempre um prejuizo pecuniario, e é por isso que não tomo em muita conta o estudo dos elementos, que a constituem, e os quaes para a imprensa litteraria são coisas da mais alta importancia.

A este proposito fallaremos só em dois pontos — mão d'obra e preço do papel.

A composição e impressão está sendo muito mal paga e não ha venda certa para uma edição de 500 exemplares, que é o termo medio das nossas tiragens!

O limite desta área claramente mostra, que a vida litteraria não tem ambito para sustentar os que a seguem.

O papel é o peior, e o mais caro da Europa. Por este lado temos esperança de que a futura legislatura remedêe tão pesado onus, que, além do prejuizo que traz comsigo, é um constante obstaculo para a nitidez das edições portuguezas.

Apezar de todos estes factos incontestaveis, como Portugal é um paiz de milagres, todos os dias se augmenta o numero dos compositores e impressores, e progressivamente se augmenta a venda desse papel máu e cada vez mais caro.

Por tanto a força do progresso litterario é tal, que centenares de pessoas vivem do trabalho de escriptor, que por em quanto nem alcança o premio da gloria.

Se deixarem ir por diante a contrafacção, se não cortarem as azas ao abutre, em quanto é novo, nem esse beneficio haverá das letras.

O augmento da contrafacção introduzirá no Brazil o estabelecimento de consideraveis typographias e o papel descerá de preço com o incremento do seu fabrico: no entanto os jornaes politicos serão em Portugal os unicos consumidores de papel, e as suas typographias as unicas abertas, porque a maxima parte dos centenares de homens, a quem nos referimos ha pouco, irão morrendo de fome, e além disso perderemos uma in-

dustria, que nos poderia dar emprego a tantos braços, e teremos talvez mais convivas á meza do orçamento, que para os que não attendem no desenvolvimento de todos os nossos interesses economicos, é uma especie de meza redonda, que ha-de sustentar toda a nação. Escrever-se-ha aqui e mandar se-ha imprimir o manuscripto ao Brazil, e depois pagaremos pelo dobro, o que nos podia custar metade: e o subido preço dos livros, que para cá vierem, mais dificultará a civilisação do nosso paiz. Haverá até auctor que se vá naturalisar brazileiro, para gozar do direito de propriedade, que as leis desse imperio já regularam e que nós ainda não imitámos.

E todos estes prejuizos são ainda pequenos, em comparação com o atrazo, em que ficaria desse modo, a educação des differentes classes da nossa sociedade.

Por outro lado, se a producção litteraria se auxiliar, não só nos civilisaremos, mas haverá um grande ramo de industria intelligente, e proveitoso, que honrará o trabalho e diminuirá a mizeria.

Os melhoramentos da imprensa o seu maximo desenvolvimento constituem uma industria, que ao presente começa em Portugal.

A contrafacção não corta as esperanças de melhor futuro, só fóra do paiz; como tambem por falta de lei, que sancione um principio incontestavel, vae surgindo vergonhosamente dentro de Portugal.

Aqui deixamos mais este pedido a favor das nossas letras, e mais um protesto contra o abuso que as vae devastando.

Contemos que os nossos collegas da imprensa não hão-de desemparar esta grave materia.

---

**MODO DE TORNAR VELHO O VINHO NOVO.**

810 Dissolva-se meia quarta de percarbonato de soda em tres quartilhos de agua, na temperatura de 25 gráus, e lance-se este mixto para dentro de um quarto de pipa, havendo o cuidado de mecher tudo bem pelo espaço de dez minutos.

Não se deve apertar muito a rolha afim de deixar logar a que os vapores que se desenvolvem dentro do barril do vinho possam sahir.

Por este processo o vinho dentro em pouco tempo parece envilhecido de quatro a cinco annos.

Se se lhe ajuntar pouco mais ou menos meia quarta de colla de peixe ou de gelatina o vinho torna-se melhor mais puro.

---

**TRATAMENTO DA CHOLERA-MORBUS.**

A Sociedade de Sciencias Medicas por meio de um dos seus secretarios, novamente nos honra, remettendo nos o parecer que está servindo de thema ás suas importantes reuniões. Não somos de nenhum modo competentes para julgar esse trabalho, mas pelo lado que a razão o póde encarar, parece-nos conforme, em muitos pontos essenciaes, ao que a nossa posição de jornalista nos tem forçado a lêr sobre a materia nos mais acreditados jornaes estrangeiros; e com o que temos ouvido a pessoas, que pela pratica e estudo especial conhecem a molestia.

Talvez que alguem nos tenha acusado de fallarmos demasiado neste objecto, mas a culpa não tem sido nossa, é só dos acontecimentos, e talvez de se não ter bem calculado o modo de tractar esta grave materia.

A nossa opinião expozemol-a no artigo que ultimamente escrevemos, e que vimos com prazer, que foi adoptado pelo *Periodico dos Pobres do Porto*. Folgamos em que a popularidade, que tem esse periodico, mormente nas provincias do Norte, possa julgar as nossas intenções, que se resumem em pouco.

Queremos que o Governo dellegue em alguma corporação escolhida, os encargos a que não poderá attender no meio do expediente ordinario de tantos negocios;

Que esse centro formado como é de esperar com acerto, e só attendendo ao merito dos individuos, que o constituirem, merecendo a plena confiança publica, evita esta necessidade de estar consecutivamente a fallar de uma coisa, que conviria esquecer se não fôra myster lembral-a, para evitar uma grave responsabilidade;

Que essa auctoridade e recurso supremo, como lhe chamaremos, se dividisse em duas partes, uma medica outra administrativa as quaes trabalhassem em harmonia, mas sem prejudicarem com discussões simultaneas as suas resoluções;

Que todos os trabalhos relativos a este ponto partissem, mais do socego de um estudo retirado do que das inspirações das discussões publicas;

Finalmente os nossos desejos querem alcançar os vantajosos resultados sem ruido.

Melhorar e prescrever a Hygiene Publica e particular.

Preparar hospitaes e casas em que hajam consultas gratuitas e pagas, e onde além de facultativos fixos hajam outros, que no circulo medico de cada uma dessas casas corram a qualquer chamamento.

Organisar instrucções hygienicas, preventivas, e therapeuticas feitas á vista de tudo quanto na materia se tem escripto e feito pelos medicos que mais conhecem praticamente a doença, a fim de que publicadas com a maior authenticidade e espalhadas com profusão tornassem de nenhum effeito as publicações do mesmo genero, que sendo puras especulações, só servissem para abusar da credulidade publica, e a este proposito sujeitar tudo quanto sobre a materia se traduzisse no *Diario do Governo*, a uma censura competente, e desse mesmo centro, para que qualquer erro introdusido nessas publicações se não prepagasse em virtude do credito, que tem um papel official.

Eis-aqui o que a consciencia nos dicta e o que para cumprimento dos nossos deveres e do plano da Revista, entregamos á consideração do Governo e da opinião publica.

---

*Parecer adoptado pela Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, ácerca do tratamento da cholera-morbus asiatica, para se discutir na mesma sociedade.*

Senhores

811 Tendo sido encarregado por esta Sociedade de formular as bases do tratamento da cholera-morbus asiatica, entendi que, antes de confeccionar um trabalho methodico e regular a similhante respeito, conviria submetter ao exame e apreciação da Sociedade as considerações, que o presente estado da sciencia me suggeriu, a fim de que sendo convenientemente esclarecido pelas vossas judiciosas observações e madura ex-

periencia, possa mais cabalmente satisfazer ao objecto que me foi commettido.

1.ª

Na actualidade da sciencia, a therapeutica da cholera-morbus asiatica não póde ser instituida pelos simples dados da experiencia, nem pelos dados da pathogenia e natureza da doença; não é portanto empirica, nem dogmatica, mas sim toda symptomatica.

2.ª

O tratamento da cholera-morbus asiatica não póde pois ser invariavel para todos os casos. Nesta doença, como em todas as de natureza desconhecida, o tratamento deve ser determinado em vista das diversas circumstancias dos casos individuaes, e das differentes fórmas e phases de cada caso.

3.ª

As estatisticas da mortalidade pela cholera-morbus asiatica não abonam o valor therapeutico das medicações até hoje empregadas, por quanto a mortalidade têm abrangido sempre a metade pouco mais ou menos dos individuos atacados. Quanto ao valor therapeutico relativo das medicações, as estatisticas existentes nada provam, por serem geralmente imperfeitas, e não ter presidido á sua confecção aquella phylosophia medica, que a sciencia hoje prescreve.

4.ª

Para se appreciar por meio das estatisticas o valor relativo dos diversos methodos do tratamento da cholera-morbus, importa essencialmente comparar series de factos do mesmo periodo da epidemia, e da mesma gravidade, sendo todas as outras circumstancias o mais possiveis eguaes. Em todas as grandes epidemias a mortalidade é proporcionalmente maior no seu começo, e decresce progressivamente no decurso d'ella, circumstancia esta da maior importancia para a determinação therapeutica, e que não tem sido devidamente attendida.

5.ª

A divisão da cholera-morbus em dois periodos, o algido, e o de reacção, parece sufficiente para as applicações therapeuticas. Existe porém um periodo percursor, que tem uma importancia pratica extrema, designada pelos auctores francezes pelo titulo de «diarrhea cholerica» e pelos inglezes pelo de «diarrhea simples» por isso que nelle se appresentam ainda as dejecções com a côr e cheiro natural. Concorda se geralmente hoje, e a experiencia recente o confirma, que o symptoma monitor de um ataque de cholera asiatica é, na quasi totalidade dos casos, esta diarrhea simples, com sentimento doloroso nos intestinos, ou sem elle, cursos mais ou menos frequentes, de um a seis e mais por dia, e duração de algumas horas a dois, tres ou mais dias, constituindo a transição para o estado algido ou espontaneamente, ou por erros de regimen. Accredita se igualmente, que se neste periodo forem administrados os remedios apropriados contra a diarrhea, o progresso da doença será facilmente atalhado, e evitado assim o periodo de collapso ou cyanico com todo o cortejo de symptomas, que lhe é relativo. O tratamento da diarrhea simples é facil e efficaz; é em França o tratamento pelo opio, em Inglaterra a combinação do opio com os aromaticos e os adstringentes, sendo considerados neste paiz como remedios mais proficuos, a confeição opiada na dóze de vinte grãos administrada em duas colheres de sopa de agua de hortelã pimenta, e repetida de quatro ou tres em tres horas, ou mais a miude segundo a violencia da diarrhea; ou uma onça da mistura composta de greda da pharmacopéa de Londres com dez ou quinze grãos da confeição aromatica, e cinco a dez gotas de laudano, e repetida pela maneira indicada, podendo juntar se a esta ultima formula, no caso de ser violento o ataque, meia a uma oitava da tinctura de cato.

6.ª

Merecendo pois importancia extrema, durante o predominio da epidemia cholerica, qualquer desvio do estado normal dos intestinos, com respeito ao numero e qualidade das dejecções, e sendo geralmente reconhecida a urgente necessidade de atalhar de prompto um similhante desarranjo, medida esta considerada como o primeiro e essencial meio preventivo contra tão terrivel molestia, acaba de propôr a commissão sanitaria metropolitana em Inglaterra ao seu governo, no seu segundo relatorio, o estabelecimento de dispensatorios em estações convenientes, aos quaes, logo que a cholera se manifeste em qualquer parte, os habitantes das localidades visinhas possam immediatamente recorrer para sollicitarem conselhos e remedios em qualquer hora do dia ou da noite contra esta affecção intestinal; annunciando-se para este fim ao publico os locaes dos dispensatorios, e os nomes dos facultativos, que dirigem este serviço. Á Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa incumbe appreciar as vantagens e exequibilidade do meio proposto, em referencia ao nosso paiz; se convirá commetter este serviço aos póstos medicos, que houverem de se estabelecer, distribuindo-se medicamentos adequados á classe pobre da população.

7.ª

O periodo algido, cyanico, ou de collapso da cholera-morbus asiatica, quando desenvolvido em grão extremo, é um estado desesperado e irremediavel; mas este extremo collapso só se appresenta em certo numero de casos, cuja proporção varia nas differentes localidades, e na mesma localidade nos differentes periodos da epidemia; é este periodo da doença, que a torna a mais fatal e intratavel entre todas as conhecidas. O facto mais culminante, que a observação dos symptomas neste periodo nos revela, é a concentração rapida da innervação e dos liquidos da economia, a profunda oppressão das forças vitaes. Durante tão grave periodo, a indicação capital é reanimar e sustentar o organismo, provocal-o por todos os meios possiveis a reagir contra a causa, que paralisa e anniquilla a sua acção. A indicação é obvia, mas os meios mais convenientes para a levar a effeito não estão ainda determinados; procura-se excitar a economia toda por todas as vias,

pela pelle, pela membrana mucosa do canal intestinal, e pela dos orgãos respiratorios; tem se recorrido aos tratamentos mais variados e mais oppostos, aos remedios mais energicos e aos mais inertes, á sangria, aos liquidos espirituosos, ao opio, aos calomelanos, á ammonia, ao quinino, ao oleo de croton, ao gelo, á affusão fria, ao banho quente, aos emeticos, ás preparações salinas, ás bebidas gazosas, e a todas as possiveis variedades de tratamento. No presente estado da sciencia, não é possivel determinar positivamente, quando o doente livra, qual o verdadeiro valor dos meios empregados, a parte que coube aos remedios e ás forças do organismo no desenvolvimento da reacção. Não ousarei recommendar n'este logar um ou outro meio entre todos os que tem sido indicados; é evidente, que não existindo especifico n'esta doença, só a exacta investigação de todas as circumstancias individuaes, e a fórma que a doença appresentar, podem dirigir-nos na escolha do tratamento respectivo a cada caso. Um unico preceito geral e da maior importancia se deve aqui consignar, e vem a ser, a prompta e immediata applicação dos soccorros, em quanto a economia tem força para luctar contra tão violento mal.

8.ª

O periodo de reacção é constituido por uma febre typhoide mais ou menos intensa, muitas vezes acompanhada da inflammação mais ou menos pronunciada do cerebro, dos intestinos, ou dos pulmões, que póde occasionar a morte do individuo. A indicação n'este periodo consiste em dirigir e regular a reacção dentro de justos limites, e em combater ulteriormente as fluxões congestivas, consecutivas á luta das forças vitaes contra a causa morbida. O tratamento n'este periodo demanda ainda toda a sagacidade do pratico, a fim de não serem atalhados em seu principio os esforços conservadores do organismo, e a therapeutica nestes casos não differe da que se emprega nas pirexias de caracter similhante.

9.ª

A convalescença na chólera-morbus merece ainda a mais especial attenção e cuidado; quaesquer erros de regimen podem ser fataes; a marcha d'ella varía nos differentes individuos por causas obvias, e as regras pelas quaes devem ser dirigidos os differentes casos são geralmente conhecidas, e nada appresentam de especial.

*(Assignado no Parecer, Dr. Pereira Mendes.)*

---

### CONTRAVENENO DAS PICADAS DE VESPAS E OUTROS INSECTOS.

812 Mr. Besvaux, director do jardim botanico d'Angers, assegura que uma longa serie de observações lhe demonstrara que é mui facil desvanecer instantaneamente a dor e inflammação, que produzem as picadas das ortigas, das abelhas, vespas e outros insectos, bastando sómente esfregar a parte offendida com a primeira planta aromatica que estiver á mão, por exemplo, hortelãa, alecrim, mangerona etc.

---

### CONSERVAÇÃO DAS BATATAS.

813 Collocam-se as batatas em uma cova sobre uma camada de pó de carvão de pedra (coke), ou de carvão de madeira.

Cobrem-se com uma segunda camada de um pó de espessura: torna se a pôr nova camada de batatas e nova camada de pó de carvão e assim por diante.

Por cima de tudo lance se uma camada maior de pó de carvão, e tapa-se depois a cova.

Se as batatas estiverem em principio de doença, esta não progride, nem se communica ás sãs.

Por este processo tambem se podem conservar cinoiras, betarrabas, e outros fructos.

O pó de carvão deve estar bem secco; sendo conveniente mettel-o primeiro em um forno para lhe tirar a humidade que possa ter.

---

### INSTRUCÇÃO ELEMENTAR. *

VII.

814 Ora, se a mulher bem educada, influe poderosamente como mãe, assim póde, como esposa, ser a paz da sociedade.

A mulher perfeita, disse Juvenal, é, como a Phenix, ente raro no mundo — *rara avis in terris.*

Mas o digno poeta não tem razão inteira.

É que, n'aquella remotissima épocha, tambem não era bem popular, como inda hoje o não é em Portugal, a educação do bello sexo.

Deus distribuiu liberalmente á mulher coração generoso, finissima sensibilidade, e agudo intendimento. — E quando tão formosos dotes são bem aperfeiçoados pela educação, então elles formam, na verdade, uma melodia angelica, que é a sublime poesia do amor.

Uma mulher assim, faz bom o máu homem, melhor o bom, optimo o melhor; e lhe inspira tão generosos sentimentos, amor tão respeitoso, e tão nobre enthusiasmo, que parecem affectos do céu baixados á terra.

É que a candida virtude com a *elegancia* do espirito e a doce amabilidade, são tres graças, que a educação n'ella procreou e entr'abraça gentilmente.

Se póde haver na terra imagem do céu, essa imagem, não é senão unicamente um par amigo e virtuoso. Não ha no mundo felicidade egual a essa felicidade, poesia egual a essa poesia. — O suave concerto de dois corações que sentem e amam, de duas vontades mutuamente e docilmente condescendentes, exprime uma harmonia divina. — Mas esta muzica, esta poesia e esta felicidade, só dois entendimentos cultivados, as podem bem comprehender e afinar melodiosamente: — e só pela educação, da mulher principalmente poderá realizar-se e durar sempre esta pintura do céu.

Todavia, pela sua mesma sensibilidade e muita perspicacia, a mulher deve ser um ente insupportavel, quando esses dotes naturaes não tenham sido prudentemente encaminhados pela educação — Então os seus defeitos andam ordinariamente, na razão directa da sua propria sensibilidade e da agudesa do seu ingenho. Se alguma vez ella os póde encubrir, a custo no estado de solteira, em cazando lá vão apparecer com toda a sua feia realidade, para flagello do marido, e máu exemplo a seus innocentes filhinhos — e talvez, para escandalo publico. — E ficando assim, um alvo certo do desamor d'um e da indifferença d'outros — e de desprezo, talvez de todos, é conseguintemente a desven-

* Vem do n.º 46.

turada, uma victima lamentavel da criminosa incuria de paes estupidos, ou de governos máus.

Mas, se ella contudo continúa donzella, não póde ter a força necessaria em composição tão de vidro, para resistir ao embate dos perigos que a cercam, quando não ache preformado, na instrucção propria do seu sexo, um anteparo seguro.

É pois indispensavel, que uma educação instructiva, guiando a sensibilidade e agudeza da mulher, lhe dilate a intelligencia e firme a vontade, porque não venha abrir-se diante d'ella, ainda em suas mais brilhantes phazes, um medonho e vergonhoso abismo. Isto é uma axioma.

Ora, se muitas e muitas unidades chegam a faser milhares e milhões, bem se vê a desordem horrorosa e desconsoladora, que similhante falta produz na harmonia intellectual e moral d'uma sociedade.

As casas religiosas do sexo femenino devem ter aqui mui util applicação. A proposta do Sr. Ministro da Justiça n'este sentido, é mui digna de louvor, por util e por moral.

Mas todavia, nas paginas do orçamento, que se tem discutido na camara dos Srs. Deputados, apparece lançada para a educação femenina, em o capitulo — instrucção publica — a enorme verba de 4:000$000 rs. ! ! E ainda esses mesmos 4:000$000 rs. creio que são applicados só nas grandes cidades, onde ha collegios de educação, mais ou menos regulares, e outras mais proporções, que não existem nem póde haver no restante do reino.

Agora aqui largo em fim mão da penna, deixando as illações ao bom senso dos leitores.

*J. M. Gouvêa Pinto.*

*Advertencia.* — Por equivoco se tem assignado alguns dos artigos anteriores, com as iniciaes *F. M. Gouvêa Pinto*, quando deviam ser sempre as que assignam hoje a conclusão.

---

### TELEGRAPHO ELECTRICO — INVENÇÃO HISPANHOLA.

815 O *Semanario de la Industria* reivindica para a sua patria a gloria do singular invento do telegrapho electrico, meio seculo antes que os inglezes e as outras nações se lembrassem de o pôr em pratica. Deixaremos fallar o dito jornal. — « Este hispanhol foi o esclarecido Dr. D. Francisco Salvá, natural de Barcelona, medico honorario da real camara, primeiro cathedratico de clinica n'aquella cidade, e auctor bem conhecido por suas numerosas e excellentes obras medicas. Não deixaram de tratar do seu invento os periodicos d'esse tempo; e posto que ficasse no esquecimento por muito tempo, como entre nós as mais das vezes se costuma, em 1832 o Dr. D. Felix Janer tornou a dar noticia d'esta preciosa invenção, no seu *Elogio historico do Dr. Salvá*, lido na real academia de medecina e cirurgia de Barcelona, e publicado com approvação da mesma Diz assim: — « Salvá inventou um telegrapho electrico, tendo a excellente idéa de applicar a electricidade á telegraphia, pensamento que communicou á real academia de sciencias e artes de Barcelona, n'uma memoria lida em suas sessões, e depois ao ministro dos negocios estrangeiros, conforme se publicou nos periodicos de 1797, o qual ficou plenamente satisfeito da singeleza e rapidos effeitos da machina, appropriada áquelle intento, apresentando o inventor a SS. MM. e AA., em cuja presença repetiu as experiencias com bom exito. »

Depois da citada memoria leu o Dr. Salvá, á mesma academia, outras duas obras sobre o telegrapho electrico, explanando cada vez mais o seu invento, e indicando o melhor meio de o levar a effeito, mais simplesmente e com o menor custo possivel, propondo tambem o modo de estabelecer uma linha de telegraphos electricos desde Barcelona até Palma, em Malhorca, atravez das aguas do mar.

Na ultima d'aquellas memorias aproveitava Salvá o descobrimento do galvanismo, applicando ao telegrapho a pilha de Volta, em vez da machina electrica; e na academia não deixava de comprovar as suas idéas e asserções, perante os consocios, com a sufficiente cópia de exactas experiencias, como tambem as comprovou, do modo mais satisfatorio, em presença do ministro de estado; e de SS. MM., segundo anteriormente se disse.

Salvá tinha-se dedicado com disvello ás sciencias naturaes, e particularmente a physica occupára muito a sua attenção, e fazia as suas delicias nos momentos que lhe deixavam livres as graves lides de sua profissão medica, sobre tudo na sua juventude, como refere o Dr. Janer em seu *Elogio*. Pelo que não admira que Salvá se estremasse em outros inventos igualmente singulares, dos quaes só mencionaremos o de um *barco-peixe*, ou barco para navegar debaixo d'agua, que tambem communicou ao ministro de estado em 1800, sendo de notar, que, n'aquella épocha, teve e publicou uma idéa similhante, o celebre machinista Fulton.

---

### ANNUNCIO DE INTERESSE PUBLICO.

A importancia hygienica, do annuncio que se segue, e a verdade do que ahi se promette, por nós verificada completamente e com escrupulo, nos resolvem a publical-o do mesmo modo que o obtivemos.

---

PANNOS Á PROVA D'AGUA,

*Por um processo infallivel, preparam se no laboratorio da botica da travessa da Victoria n.º 18, em Lisboa, toda a qualidade de tecidos de lã, linho, algodão, e seda, sejam em fazenda, sejam em fato; e bem assim chapéus de chuva.*

816 Esta descoberta é de muita utilidade ás pessoas que teem que andar expostas á chuva, pois que, por mais forte que caia, não passa o tecido impermiado: quem pertender aproveitar-se póde, a qualquer hora, examinar as vantagens no mesmo local aonde se fará a experiencia em objectos já preparados. Este processo em nada altera as côres, duração e elasticidade das fazendas, o que póde ser attestado por alguns srs. mercadores da rua Augusta, alfaiates, algibebes, e um grande numero de particulares: além de que o seu introductor responde pela verdade do que expende: — os preços são mui rasoaveis, que convidam ainda as pessoas menos abastadas, a saber: — fazendas em ser — pannos de 6 palmos e mais, cada covado 240 rs. — casimiras e mais fazendas de lã daquella largura 120 — seda — panninho — e panno de algodão

40 — mantas á pastora 480 a 720 cada uma — chapéus de chuva 120: — fato feito — calça 240 — casacos e paletots de 480 a 720 — capotes de 960, 1$209, 1$440, 1$920, segundo o tamanho e largura, etc. etc.

# PARTE LITTERARIA.

## O PRESO. *

### EPILOGO.

817 Já fez um anno, que não escrevia uma só palavra nestas paginas.

Quando escrevi: — Fui condemnado á morte — entreguei-lhe o meu ultimo suspiro.

A vida depois de uma sentença dessas é uma obra barbara dos homens, que a concedem como morte que se regosijam de vêr prolongar. Desembainham uma espáda, e poem-n'a sobre a cabeça do condemnado, dizendo-lhe: «vaes morrer! conta que te matemos!» e depois não ferem por largo espaço, para que a duvida e a incerteza multipliquem a intensidade do golpe.

Pasmosa descoberta digna dos tempos barbaros!

Soffri por sua causa os maiores tormentos, com que póde a vida.

A narração do que me aconteceu desde o dia da minha condemnação até hoje, seria o dobro do que tenho escripto; apezar disso tencionava não escrever a tal respeito; mas o unico amigo, que me resta no mundo, exige que eu escreva, e a sua vontade é para mim uma lei, que forçosamente devo cumprir.

Se ha mais tempo o tivesse encontrado, poderia ser mais extenso nesta narração; mas ao presente é impossivel, porque só passarei mais duas noites na patria, onde perdi tudo quanto amava. Vou aproveital-as em resumidamente escrever o que tantas desventuras me deixaram na memoria.

O que primeiro farei, será fallar do amigo sem egual, do sacerdote respeitavel, que de mim exige estas paginas!

Nas memorias que deixo da vida, que passei dentro das prisões, a existencia desse virtuoso homem, se apresenta empregada na pratica constante do bem, como unico ponto a que se dirigiam todos os seus pensamentos. Entregue sempre ao seguimento dos mysteriosos tramas do crime, correria até ao cabo do mundo, para salvar um innocente. Andava pelo paiz em todas as direcções, e por toda a parte deixava recordações saudosas. Costumado aos seus repetidos desapparecimentos, que sempre eram para fim beneficio, foi para mim coisa vulgar a ausencia ultima que nos separou, depois que me appareceu como um enviado de Deus, trazendo-me a liberdade. Cauzou-me muitos cuidados, e só descancei, quando o pude tornar a vêr, em Lisboa, no fim de muitos dias, que o andei procurando por toda a cidade.

Uns pobres, seus companheiros, é que me ensinaram onde era o estabelecimento chamado — Asylo de Mendicidade — para o qual o fizeram recolher alguns dos seus bemfeitores.

¡Meu Deus em que situação tão triste o encontrei!

Estava cégo! E cançado pela vida amargurada e activa que passára; — o corpo, não tendo forças para obedecer aos seus altos espiritos, era apenas como uma lampada de ermo santuario, que surge das trevas alumiada pelo ultimo raio da luz, que em pouco a deixará. Do homem que eu conhecêra só restava a alma.

Mal o conheci, porque lhe tinham cortado as barbas, e haviam-no vestido com uma especie de fardamento ou libré de briche, todo agaloado de vermelho, e com chapas de metal amarello.

Não sei para que é dar aos pobres esta aparencia militar, e que seria mui conveniente emendar.

Contemplei-o por alguns instantes em silencio.

Vi-o sentado em um banco, com o corpo muito curvado, tinha enfiado em um braço o rozario tão meu conhecido, e com a maior paciencia ensinava um rapaz a lêr. Era coisa interessante vêr como trabalhosamente corria a lição que presenciei. — Disseram-me, que o rapaz era um pobre epileptico de quem ninguem fazia caso, e da educação litteraria da qual Anselmo se encarregára. — Chamava-lhe, rindo, o seu futuro secretario, por que lhe havia de ainda pôr em ordem toda a papelada do seu alforge, e accrescental-a com o que escrevesse no ultimo quartel da vida.

Foi depois d'esse encontro, que lhe li quanto havia escripto nas cadêas de Lisboa e Porto, e que elle me disse:

— «Escreve o resto, Paulo, porque se um dia alguem achar essas paginas não serão inuteis. Alguma vez a voz do sem ventura deixará de bradar no deserto!»

Prometti obedecer-lhe e não deixarei de o fazer.

* Vem do numero 46.

Mas se o que escrevo podér um dia servir de alguma coisa, por Deus peço, aos que influem nos destinos da sociedade, que não permittam, que um sacerdote da Religião Augusta, que enche a terra com seus eternos beneficios, descido do altar, do pulpito e do confessionario só encontre o Azilio destinado aos mendigos ao aproximar-se da sepultura!

Fecharam as portas dos conventos, abram ao menos as de um hospicio caridoso, onde se possa ir finar o que resta do clero, e que a foice da morte vae ceifando tão apressada.

Fallarei agora de mim, pois que esse santo homem espera, que a narração da minha triste vida aproveitará a muitos desgraçados, que estão nas mesmas circunstancias.

Não sou o mesmo que fui. Quando estive preso, ainda um sentimento apaixonado da vida me guiava por vezes a penna.

Hoje nem esse!

O amor era a minha ultima esperança e jaz na sepultura, que encerra todos quantos eu tive!

Vou completar o que falta nestas paginas, e deixarei correr sobre ellas as lagrimas que ao prezente, são a unica coisa, que me accorda a vida.

(*Conclúe.*)

---

**O DR. CLAUDIO MANOEL DA COSTA.** *

818 A primeira cantata portugueza, e talvez a melhor de todas, é a de Garção, sobre a morte de Dido, e foi aquelle poeta quem enriqueceu o nosso Parnaso com este novo genero de poema, pois em nenhum dos poetas que o precederam se encontra obra a que possa dar-se este nome. As cantatas de Claudio Manoel da Costa foram as que immediatamente se lhe seguiram.

Créio porém que para a sua composição nada influiu o exemplo do restaurador da poesia portugueza, visto que longe de appresentarem similhança com a cantata de Dido, ellas são todas modeladas pelas de Metastasio, cuja lição, e estudo, transflora muitas das obras do poeta brasileiro, e é preciso confessar que nenhum estrangeiro ainda soube apropriar-se tão bem a graça volupiosa, a facilidade, os córtes musicaes, e a doçura versificatoria do auctor de Ciro, e da Olimpiada. Aqui, especialmente, appresenta, mais do que outro, o caracter Metàstasiano.

CANTATA.

Não vejas, Nise amada,
A tua gentilesa
No cristal d'esta fonte. Ella te engana
Pois retrata o suave,
E encobre o rigoroso. Os olhos bellos
Volta, volta a meu peito;
Verás, tiranna, em mil pedaços feito
Gemer um coração; verás uma alma
Anciosa suspirar; verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.
Observa bem; contempla
Toda a misera estampa. Retratada
Em uma cópia viva
Verás distincta, e pura,
Nise cruel, a tua formosura.

ARIA.

Não te engane, ó bella Nise,
O cristal da fonte amena,
Que essa fonte é mui serena,
E mui brando esse cristal.

Se assim como é vês teu rosto,
Verás, Nise, os seus effeitos,
Póde ser que em nossos peitos
O tormento fosse egual.

Pergunto agora aos que estão costumados a ler com attenção, e analysar as bellezas dos poemas de Metastasio se não encontram aqui o seu estilo engenhoso, as pausas, as clausulas, o modo de applicar as rimas perdidas, que tanto admiramos, não só nas suas cantatas, como nos seus recitativos, e nas suas arias?

A cantata septima está cheia de paixão, de transportes e movimento, e de variada harmonia, este modo de escrever era então absolutamente novo na nossa poesia.

CANTATA.

Onde, oh Nise, divina,
Onde te encontrarei, bella pastora?
O monte, o prado, o valle ando girando;
Nise? Nise? suspiro. A meus clamores
O eccho apenas me responde. Tudo
Informa, oh Nise, de que ausente vives!
Que outro campo, já pisas,
Outras ovelhas, outro gado reges!
Que despresas aquella choça amada
Junto á nossa ribeira edificada.
Ah!.. se é certo que Nise
Nestes campos faltou!.. mas que duvido?
Sem côr a planta, a flor amortecida,
O ar escuro, o sol sem lusimento,
Este monte, este rio, aquelle prado,
Me diz que Nise, oh céus! lhe tem faltado.
Nise? Nise?.. meu bem! ah! se inda aos longes
Chega o clamor de meus suspiros, sabe
Que vives na minha alma,
Na minha alma, que adora
Tão bello encanto, tão gentil pastora!

ARIA.

Vou pisando esta floresta
E os teus passos vou seguindo,
Cego amor vae conduzindo
Como norte a minha fé.

Vejo a flor no campo alegre,
Vejo a luz nos céus tão bella,
« Nise, digo, é esta estrella,
« Nise, digo, esta flor é.

* Vem do nº 45.

CANTATA.

Mas ai! e que mal chego a conhecer-me
No delirio, que reina, em meus sentidos!
Como, oh Nise, imagino,
De meus olhos ausente,
Que lembrada estarás da fé constante
Que um tempo me juraste,
Naquelle tempo quando
Em tua companhia,
Toda a montanha, oh Nise, a cada instante
A cada hora em fim, cada momento,
Me via: oh duro estado!
Já condusindo o teu rebanho ao prado,
Mas ditoso que todos os do campo,
Quando o sol mais ardia,
As agoas á beber da fonte fria:
Ou, já sendo o calor do sol mais brando,
Ao curral, onde o tinha então cercado,
Menos dos cães do que de mim guardado.

ARIA.

Quantas vezes, oh céus! quantas
Digo ao valle, digo ao monte,
Viste Nise? aquella fonte
Testimunha póde ser.

Mudo o valle, o monte mudo,
Tudo está suspenso; tudo
Mé parece que responde:
Eu não vi Nise, o teu bem.

E guaes belesas se encontram na quarta cantata, que tem por titulo *Lise*, na sexta, que se intitula *Palemo e Lise*, e na terceira que é um dueto entre *Accis* e *Galathea*, o principio é cheio de amenidade, e de graça que faz recordar o estilo delicado do auctor do *Pastor Fido*.

ACCIS.

Galathea adorada,
Mais candida, e mais bella,
Que a neve congelada,
Que a clara luz da matutina estrella;
Mais do que o sol formosa,
Não digo lyrio já, não digo rosa.

GALATHEA.

Accis idolatrado,
Pastor mais perigrino
Que quanto ostenta o prado,
Quanto banha da aurora humor divino,
Pois junto ás tuas côres
Não tem o prado côr, não tem as flores.

Eu não direi como alguem já disse, que Claudio Manuel da Costa, é o primeiro poeta brasileiro: os quadros que se encontram no *Caramuru*, e no *Uraguay* abonam, se não me engano, um talento poetico de esphera mais superior: além de que o publico sempre lhe preferia Gonzaga, e Alvarenga, e neste juiso estavam os estrangeiros de accordo com os nacionaes, mas direi que lhe compete um logar mui distinto entre os cantores americanos; que os seus sonetos se contam entre os melhores da lingua portuguesa, e que apezar de alguns rasgos de seiscentismo que mancham as vezes o seu estilo, e que o poeta ingenuamente confessa, Claudio Manuel da Costa, merece ser mais lido, e mais bem apreciado do que é presentemente.

*José Maria da Costa e Silva.*

---

## ANTONIO RAFAEL MENGS.

819 Nasceu em Auzig na Bohemia, no anno de 1728, da eschóla flamenga, morreu em 1779. Em Roma existem pinturas suas, que são a abobada da egreja de Santo Eusebio, e o tecto da casa dos papyros, na bibliotheca do Vaticano.

No theatro denominado de D. Maria II, para declamação, edificado em 1842 na Praça de D. Pedro (vulgo Rocio), o frontão do portico, o seu pensamento foi, sem duvida alguma, copiado de um quadro, que representa — *Apollo e as musas*, pintura do referido *Antonio Rafael Mengs*, de cujo quadro ha uma estampa feita pelo gravador *Rafael Morghen*, que alguns curiosos desta capital possuem. Logo não é *invenção* como vulgarmente se tem dito e acreditado! *Gio Baptista Armenini da Faenza*, que escreveu a obra intitulada: *Veri Precetti della Pittura*, em 1587, dividiu a pintura em desenho, claro escuro, colorido e composição. Esta mesma divisão foi adoptada especialmente de *Webb de Mengs* e em parte tambem de *Reynolds* e outros.

*José Reinolds*, nos seus *Discursos da Arte do Desenho*, diz elle da *invenção*, o seguinte: «Não é outra coisa mais que uma combinação diversa de imagens, que com tempo se recolhem e depositão na memoria.» Estas duas obras referidas, são bem conhecidas dos nossos artistas portuguezes.

*O Abbade Castro.*

---

## SE EU NA TERRA ACHASSE UM ANJO.

RESPOSTA

*a A. de Mello (S. Lourenço).*

820 Acharás?
Não acharás?
Quem o sabe?.. Deus talvez!
Alva esp'rança
Tudo alcança,
Não a percas uma vez!

Por farol,
Qual arrebol
Que o pensar te vae abrindo;
Seja ella
A branca estrella
Que entre as trevas 'stá luzindo!

Inda que a vejas
Sempre mentida;
N'um leve sonho
Te passa a vida!

Se por ventura
Real te fôr,
Terás na terra
Um céu d'amor!

*L. A. Ribeiro de Sá.*

# NOTICIAS.

## ACTOS OFFICIAES.

DE 5 A 21 DE OUTUBRO.

*Dito n.º 236.*

821 Notas do Banco de Portugal em circulação . . . . . 203:480$000
Depositos moeda metalica . . . . . 227:211$130
Numerario metalico em caixa. . . . 555:371$758
Prata alem do dito numerario. . . . 9:825$200

*Dito n.º 239.*

Decreto acompanhando a tabella que regula a despeza do ministerio da guerra.

Decreto com as instrucções regulamentares para a execução da carta de lei de 25 de Agosto de 1848 — sobre remissão de fóros.

*Dito n.º 240.*

Mappa geral da estatistica dos cereaes em todo o reino e ilhas relativo ao anno de 1847.

*Dito n.º 242.*

Portaria ordenando que o provimento de um logar de Lente na Eschóla Medico-Cirurgica de Lisboa se faça por concurso.

Officio do consulado portuguez em Pernambuco, partecipando achar-se alli restabelecido o socego publico.

*Dito n.º 243.*

Decreto providenciando sobre o estabelecimento das officinas e laboratorios para a fabricação do gaz hydrogenio, afim de evitar os seus damnosos effeitos contra a saude publica, bem como quaesquer accidentes funestos.

*Dito n.º 244.*

O rendimento da Administração Geral do Pescado do Reino desde Janeiro até Agosto de 1848 produsiu — 38:137$379

O resumo geral do lançamento da decima e impostos annexos no anno economico de 1846 a 1847 no districto de Leiria montou a 36:427$218 réis.

*Dito n.º 245.*

O Mappa das sommas recebidas para a amortisação das notas até á semana finda em 14 de Outubro importou em 17:370$000 réis.

O resumo do lançamento da decima e impostos annexos do anno economico de 1846 a 1847 no districto de Vizeu foi de 61:893$727 réis.

*Dito n.º 248.*

Instrucções para o lançamento da decima e impostos annexos do segundo semestre do anno civil de 1848.

Continuação do Mappa do encargo annual dos titulos de renda vitalicia nos differentes districtos do reino, ilhas e na agencia financial.

*Dito n.º 249.*

Continuação do mappa a que refere o *Diario* n.º 248.

*Dito n.º 250.*

Portaria circular ordenando aos Governadores civis a mais activa fiscalisação sobre os recebedores das rendas publicas.

Officio do ministro da fazenda sobre o mesmo assumpto.

O resumo geral do lançamento da decima e impostos annexos no anno economico de 1845 a 1846 no districto de Vianna importou em 60:795$453.

O mesmo resumo do anno de 1846 a 1847 montou a 60:009$713 réis.

## GREMIO LITTERARIO.

822 N'esta associação, em que, segundo temos annunciado, proseguem agora rapidamente os trabalhos de organisação, e a tendencia para uma vida activamente litteraria — constituiram-se ultimamente as classes de sciencias moraes, e politicas, e de historia natural e suas applicações. — A 1.ª nomeou Presidente o Exm.º Sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, e Vice-Presidentes os Exm.os Srs. José Silvestre Ribeiro, e José Isidoro Guedes: Secretarios os Srs. Luiz de Almeida Albuquerque, e José Maria do Casal Ribeiro. — A 2.ª elegeu presidente o Exm.º Sr. Visconde de Fonte Arcada, Vice Presidentes os Srs. Francisco de Assiz e Carvalho, e José Maria Grande; Secretarios os Srs. Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, e Gregorio Nazianzeno do Rego. — Com a installação d'estas duas classes ficou regularmente constituido o *Conselho litterario* do Gremio, que é, por assim dizer, o centro director scientifico d'aquella Associação, onde tem sido admittidas, não só quasi todas as illustrações do paiz, mas egualmente um grande numero de individuos, que sem possuirem muito elevadas qualificações litterarias, nutrem todavia bastante amor á instrucção, para prestarem a si, á sociedade, e ao paiz, um util serviço — auxiliando, pelos meios ao seu alcance, uma instituição de que é licito augurar vantajosos e importantes resultados para a civilisação positiva da nossa patria.

* *

## DOIS VIAJANTES ESTRANGEIROS EM PORTUGAL.

823 Dois inglezes distinctos, e pessoas de muita instrucção, chegaram ha pouco a Portugal, para fazerem o que se chama uma *viagem instructiva*. Um é Lord Calthorp, membro mui estimado da Camara alta de Inglaterra e o outro é Sir Henris, medico de muito merito.

Estimamos a vinda d'estes hospedes, e folgâmos em ter a honra de lhes dar as boas vindas: — mas approveitaremos o ensejo para lastimar, que, n'este paiz, os seus naturaes, não tenham recursos para fallar das nossas coisas, com exacto conhecimento de causa: — e que venham estranhos tomar apontamentos para escreverem livros; em que ás vezes se

formam idéas bem extravagantes e erradas ácerca da nossa patria. Se os nossos viajantes fossem dos que escrevem viagens sentados ao fogão, ou dos que estão duas horas em uma cidade, e depois escrevem a sua discripção, não manifestariamos aqui o desejo que temos de que procedam com a maior circumspecção no que escreverem, porque o não fazem só para si; e a nossa desgraça chega a ponto, e andamos tão desapegados do que é nosso, que se traduz e lê avidamente a viagem de um estrangeiro, e faz-se promptamente o itinerario dos seus passos, quando se não faria o mesmo ao portuguez que tomasse a resolução de escrever e estudar com esse fim. Entre varios estabelecimentos que os illustres viajantes vizitaram no Porto, mereceu-lhes particular attenção a cadêa. O nobre Lord conversou largo espaço com os presos, a quem fez perguntas, que provam, que esta especialidade faz parte dos seus estudos. Sentimos que não possam ser lisongeiras para Portugal as palavras que o viajante escrever a este respeito. A cópia não póde ser agradavel, porque o original é repugnante: podemos dizel-o porque o estudamos bem de perto, para escrever o incompleto e fraco esboço a que chamamos — *O Preso*.

Lord Calthorp e Sir Henris, já se acham n'esta capital.

### ESTADO SANITARIO DE LONDRES.

De uma carta de Londres tradusimos o seguinte:

824 «Na semana, que principiou em 8 e findou em 14, morreram nesta cidade 1,005 pessoas: — 180 de escarlatina, e 9 da cholera ingleza ou da asiatica. o resto são mortos por varias doenças. Ha tempos que as escarlatinas teem feito grande destroço: sendo usual morrerem nas anteriores semanas de 80 a 100 pessoas desta molestia.»

«Apezar de alguns casos de cholera e das escarlatinas, o estado sanitario de Londres, isto é, de uma população de perto de dois milhões e cem mil almas, não tem peiorado. Na semana correspondente á que me refiro, durante os annos de 1843 — 44 — 45 — 46 e 47, os mappas da mortalidade dão, termo medio, 147 mortes mais naquelles annos, do que neste.»

### EXEMPLO HONROSO.

825 A sociedade dos escriptores de Madrid em uma das suas ultimas sessões resolveu, que todos se cotisasem para offerecerem uma coroa funebre á memoria do fecundo e illustre escriptor D. Alberto Lista, fallecido ha pouco. A commissão nomeada para dar cumprimento a esta resolução, compoem-se de homens bem conhecidos pela sua grande gloria litteraria: são membros D. José Zorrilla, D. Luiz Valladares e D. Antonio Tejado.

Quando contaremos nós estes exemplos?

### MANIAS CELEBRES.

826 Lemos na *Gazetta de Dublin*, que um homem de elevada intelligencia e muito trabalhador, e que por largo espaço de tempo estudara, ora theologia, ora agricultura, tomou a resolução de continuar os seus estudos sem proferir uma só palavra. Durante desoito annos, ninguem lhe ouviu nem sequer um som. He pouco escreveu uma carta, em que prova a inutilidade desse silencio e annunciava que ía começar a fallar. Aqui em Lisboa está um homem ha perto de tres annos deitado dentro da cama com perfeita saude, esperando dár á luz um macaco. E não ha despersuadi-lo desta mania.

### ROUBOS.

827 Varias cartas das provincias nos dão conta de roubos de consideração feitos pelos salteadores, que principiam a infestar algumas terras. A estação favorece a sua ousadia.

Não relatamos o que se nos conta, porque já tem sido publicado em algum dos jornaes do paiz. Satisfazemos os nossos correspondentes fasendo conhecido o mal para que o Governo lhe possa dar remedio.

E por esta occasião não deixaremos de fallar em receios, que ha na cidade do proximo inverno, pela abundancia de ratoneiros e ladrões industriosos, que se manifesta evidentemente. Esperamos que a policia tome estes justificados receios em muita consideração.

### THEATRO DE S. CARLOS.

828 No dia 22 começou a nova epocha theatral.

O começo não foi muito feliz, mas em quanto não virmos a estrea dos artistas que faltam, julgamos não dever enunciar a nossa opinião sobre a epocha que vae correr.

A opera *Strozzi* é alguma coisa desigual; mas tem partes de muito merito.

A Sr.ª Secci Corsi é uma cantora como as que temos tido ultimamente, já cançada e de segunda ordem. A sua estrea no nosso theatro assim a conceitua.

O Sr. Zucchini, baritono, não agradou.

O Sr. Baldanza teve as honras da noite. Cantou bem e foi muito applaudido.

### SERPENTE MARINHA.

829 A fragata hollandeza Bocdalus, vindo das Indias orientaes, encontrou entre o cabo da Boa Esperança e a ilha de S. Helena a grande serpente marinha, a qual se conservou por mais de vinte minutos á vista da embarcação. A cabeça elevava-se acima de agua uns quatro pés. Parte do corpo via-se sobrenadar por uma extensão de 60 pés em linha recta; calculando-se que poderia ter por baixo da agua mais 30 a 40 pés. Este monstro com a ajuda da sua cauda, calculou-se que andaria quinze milhas por hora. O diametro da cabeça e do pescoço seria de umas 16 pollegadas. As queixadas, guarnecidas de fortes dentes, offereciam abertas capacidade sufficiente para engulir um homem corpulento.

## COMMERCIO.

830 — Cereaes.

Em 19 do corrente ficaram existindo na alfandega do terreiro 7,844 moios de trigo, 2,566 de cevada, 680 de milho, e 120 de centeio: os preços, por alqueire, foram — trigo, 400 a 540 réis — cevada, 220 a 240 — milho, 340 a 360 — centeio, 280 a 320.

Em 25 de outubro.

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Trigo do reino rijo | de | 320 | a | 420 | réis | a bordo. |
| » » molle | de | 400 | a | 460 | » | » |
| » da ilha | de | 330 | a | 400 | » | » |
| Milho do reino | de | 290 | a | 295 | » | » |
| » da ilha | Não ha. | | | | | |
| Cevada do reino | de | 180 | a | 190 | » | » |
| » da ilha | de | 175 | a | 180 | » | » |
| Centeio do reino | de | 200 | a | 220 | » | » |

O preço do milho cotado, foram vendas feitas por especulador de exportação.

A cevada tem afrouxado mais — ha poucos compradores.

Em Liverpool — 33 a 36, por 480 arrateis portuguezes.

Na Irlanda — 9 a 95, por tonelada.

— As ultimas noticias de Coimbra dão o trigo tremez, por alqueire, 360 réis, e o branco, 340 — milho, 260 — cevada, 160 — centeio, 240. — Azeite, 1$180.

— Escrevem nos do Porto em 22 do corrente.

O preço dos cereaes regula do modo seguinte — trigo da terra, 650 a 750 réis — das ilhas, 480 a 520 — milho, 340 a 350 — cevada, 240 a 280 — centeio 340 a 360.

Continua a exportação do gado. Consta-me, que nos vapores que ultimamente d'aqui sairam para Inglaterra foram perto de 300 bois.

Como ahi verá, pelos *Pobres* de 18, a Alfandega d'esta cidade rendeu, desde o 1.° de outubro até 14, cento e quatorze contos de réis: o que não admira pela proximidade do inverno. No mesmo espaço de tempo se despacharam d'aqui para Londres 1,282 pipas de vinho.

O mercado parece estar bem provido de generos do Brasil, mormente de arroz, assucar e café.

Como fallei no *P. dos Pobres*, permitta-me que lhe junte aqui uma noticia, que não é commercial, mas que julgo curiosa e talvez util.

Em um documento official, publicado n'esse interessante periodico, e n'um mappa do rendimento da carne e cabeças, entrado no cofre do municipio, declara-se em um *N. B.*, que deixou de entrar no mappa uma certa verba porque *foi roubada pelo cobrador das rendas que então era.* Approvo a idéa de chamar ás coisas pelo seu nome — ficou alcançado é uma phrase que eu desejo vêr substituida pela que dá verdadeira idéa do facto. O que sobre o ponto se podia dissertar, deixo eu ao cuidado do engraçado Braz Tizana, que pelo que vejo está bem com o seu jornal.

Tem havido algumas vendas de inscripções de 5 e 4 por cento.

— Praça de Lisboa, 15 de outubro.

Fundos publicos de 5 por cento 47 e meio a 48 por cento, e com o juro recebido 44 e meio e 45. — Por este preço realisaram-se algumas transacções. Os de 4 por cento 38 a 40 e 2 e meio, menos com o juro recebido. — Cautelas de 3 por cento 28 a 30 por cento. — Acções do Banco de Portugal, realisaram-se muitas transacções por 452$000 réis, mas no fim do dia o preço subia, porque eram muito procuradas. — Acções sob o fundo esoecial de amortisação, 48 por cento. — Os outros papeis de credito, de que damos as cotações, conservam os preços anteriores.

— Agio das Notas de 19 até 25 conservou-se:

| | Por moeda. |
|---|---|
| Compra | 1$930 a 1$940 réis. |
| Venda | 1$910 a 1$920 » |

— Praça de Madrid, em 19 de outubro.

Titulos de 3 por cento — 18 e tres quartos.

» de 5 por cento — 10 e um oitavo a nove e um quarto.

Acções do Banco de S. Fernando — de 2,000 reales a 1,000.

» » Probidade de 9,000 reales a 1,200.

— Na Praça de Londres, em 16 de outubro, foram cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Do Banco | 3 | p. % | 186 | | Por 100. |
| Consolidados | 3 | » | 84 3/4 | 7/8 | » |
| Redusidos | 3 | » | 83 3/8 | 1/2 | » |
| Fundos | 3 1/4 | » | 84 | 1/4 | » |
| Exchequer bills | | | 33 37 março | | Premio. |
| | | | 31 34 junho. | | |

ESTRANGEIROS.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Belgas | 4 1/2 | » | 71 | 73 | » |
| Brasileiros | 5 | » | 73 | 75 | » |
| Dinamarquezes | 3 | » | — | — | » |
| Hispanhoes | 5 | » | 10 3/4 | 11 1/4 | » |
| D.os | 3 | » | 21 3/4 | 22 1/4 | » |
| Hollandezes | 4 | » | 68 | 1/2 | » |
| D.os | 2 1/2 | » | 44 | 1/4 | » |
| Mexicanos | 5 | » | 19 | 1/2 | » |
| Portuguezes | 4 | » | 23 | 1/8 | » |
| D.os consolid., 1841 | | — | 22 | 23 | » |
| D.os divida interna. | | — | Sem preço. | | — |
| Russos | 5 | » | 99 | 100 | » |

— Na mesma Praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Lisboa | | 51 3/4 | | Por 1$000 rs. |
| Porto | | 51 7/8 | | » |
| Rio de Janeiro | | 22 1/4 | 23 | » |
| Bahia | | — | — | — |
| Amsterdam | 12 | 1/4 | 3/4 | £ |
| Hamburgo | 13 | 10 3/4 | 11 | » |
| Paris | 25 | 45 | 50 | » |
| Genova | 62 | 5 | 10 | » |
| Trieste | 11 | 11 | 5 | » |
| Vienna | 11 | 11 | 5 | » |
| Madrid | | 47 | | Pezo. |
| Cadiz | | 48 | | » |
| Calcutta | | 21 | | R.s |
| Bombaim | | 21 1/2 | | » |
| Madras | | 21 | | » |

— Generos em Londres em 16 de outubr.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | | Por | | |
| Algodão de Pernambuco . . . | $3\frac{3}{4}$ | $5\frac{3}{4}$ | £ | Froixo. |
| » do Maranhão . . . . | 4 | 5 | » | |
| » da Machina . . . . | $3\frac{1}{8}$ | $4\frac{3}{8}$ | » | |
| » da Bahia . . . . . | $4\frac{1}{2}$ | $5\frac{1}{4}$ | » | |
| Assucar branco. . . . . | 37 | 43 | 132 £ | Sem animação. |
| » mascavado . . . . | 32 | 6 | 37 » | |
| Arroz do Brasil . . . . . | 8 | 13 | 6 » | Froixo. |
| » da India . . . . . | » | » | » | |
| » de Java . . . . . | » | » | » | |
| Café do Brasil . . . . . | 24 | 29 | » | Dito. |
| » » lavado. . . . | 29 | 48 | » | |
| Cacáo » . . . . . | 30 | 31 | » | |
| Couros, seccos do Rio Grande . | 3 | 6 | £ | Dito. |
| » salgados » . . . . | 2 | $3\frac{1}{4}$ | » | |

— Praça de Paris 15 de outubro.

Fundos de cinco por cento 69 fr. e 100, mas baixaram, por haverem muitos vendedores e ficaram ao fechar da Praça a 68 fr. e 80 c — As acções do Banco baixaram 15 fr., e ficaram a 1,555 fr. As acções dos Caminhos de ferro estavam estacionarias.

— Paris 15 de outubro.

A feira de Aubenas terminou passados tres dias de duração. A importancia dos negocios, e a actividade das transacções, excedeu a tudo que se devia esperar, e depois da crise, que ha tantos mezes peza sobre o commercio das sedas, não se julgava vêr tantos capitaes em circulação, e tantas compras; sendo isto devido ás vendas importantes que se fazem, ha algum tempo, em Lião e Saint-Etienne.

As fabricas de Cholet começou os seus trabalhos com grande actividade.

As fabricas de objectos de lã, em geral, tem trabalhado com assiduidade, e recebem continuamente novas encommendas do commercio.

Em Limoges as fabricas de porcelana estão bastante animadas. É isto devido ás grandes encommendas, que, quasi diariamente, se recebem da America. A maior parte destas fabricas já occupa o mesmo numero de operarios, que tinha, antes da ultima crise por que está acabando de passar.

As forjas de Saint Dizier teem tambem activado os seus trabalhos.

O commercio dos algodões no Havre não tem diminuido. A existencia n'aquella Praça, em 15 de setembro, era de 68000 ballas. De Pernambuco chegou ultimamente uma importante carregação d'este genero.

Tem havido poucas vendas de trigo, apezar de ter affluido algum ao mercado.

As lãs teem subido alguma coisa de preço.

As vendas de algodão no Havre teem subido de 1 a 2 francos durante esta semana.

A existencia dos algodões, em 22 de setembro, é de 65:000 ballas. As vendas teem augmentado, ainda que pouco.

O commercio em geral principia a tomar vigor.

Crê-se que quatro quintos dos operarios que se haviam despedido das fabricas já teem achado trabalho nas mesmas.

A bolsa de Paris começa a melhorar, apesar dos boatos e da desconfiança, que ainda se não desvaneceu senão em parte, e que muitos julgam, ao presente infundada.

## EXPEDIENTE.

— Agradecemos muito ao Sr. Serpa as poesias com que honrou na Revista por mão do nosso amigo o Sr. Palmeirim.

— Recebemos uma mui attenciosa carta do Sr. Henrique Monteiro, e a poesia que a acompanha, a qual será publicada.

— Recebemos dois artigos de um dos nossos Architectos, os quaes agradecemos.

*Publicações recebidas*. — *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, mez de agosto.

*Revista Popular*, n.° 33 e 34.

*Jornal dos Facultativos Militares*, n.° 57.

*Revue Peninsulaire*, n.° 3.

*Jornal da Sociedade Pharmaceutica*, n.° 10 do tomo quinto.

*O Espectador jornal dos Theatros e das Philarmonicas*, n.os 1, 2 e 3. — Publica-se aos Domingos. — Assigna-se e vende se na rua Augusta n.° 8.

*Oração pronunciada na sessão solemne, da abertura da Eschóla Medico-Cirurgica do Porto*, em 5 do corrente, por José Gregorio da Camara Sinval.

*Almanak Popular para o anno de* 1849. — Vende-se na rua Augusta n.° 8. — Preço 160.

*Gazeta Medica do Porto*, n.° 163.

*Relatorio da Companhia de Pescarias Lisbonense, apresentado á assemblea geral*, em 23 do corrente.


## O PRESO.

(Nova edição.)

Esboço do estado das cadêas em Portugal, e de alguns dos seus mysterios, por S. J. Ribeiro de Sá — um volume em 8.° com mais de 300 paginas. Por assignatura 480 réis, e avulso 600 réis. — Recebem-se assignaturas até ao dia 30 do corrente mez, em Lisboa na rua Augusta n.° 8, e no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense*, rua dos Fanqueiros n.° 82; no Porto em casa do sr. Francisco José Coutinho; e em Coimbra em casa do sr. Joaquim Maria Soares de Paula. Tambem se assigna de qualquer ponto do reino por meio de carta franca de porte, remettendo a importancia da assignatura ao administrador da *Revista Universal Lisbonense*. Será entregue aos assignantes e posto á venda no principio de novembro.